



# PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 037

**GARIMPOS DE OURO NA AMAZÔNIA: FATORES SOCIAIS,  
RELAÇÕES DE TRABALHO E CONDIÇÕES DE VIDA**

**Armin Mathis**

**Belém, Abril de 1995**

**O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)** é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

**Papers do NAEA - Papers do NAEA** - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



## **Universidade Federal do Pará**

### **Reitor**

Marcos Ximenes Ponte

### **Vice-reitor**

Zélia Amador de Deus

## **Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

### **Diretor**

Francisco de Assis Costa

### **Diretor Adjunto**

Tereza Ximenes Ponte

## **Conselho editorial do NAEA**

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Indio Campos

Marília Emmi

## **Setor de Editoração**

E-mail: [editora\\_anae@ufpa.br](mailto:editora_anae@ufpa.br)

Papers do NAEA: [Papers\\_anae@ufpa.br](mailto:Papers_anae@ufpa.br)

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 037

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

# GARIMPOS DE OURO NA AMAZÔNIA: ATORES SOCIAIS, RELAÇÕES DE TRABALHO E CONDIÇÕES DE VIDA

---

Armin Mathis

## Resumo:

Depois de uma breve abordagem sobre o papel da garimpagem no contexto da valorização da Amazônia o trabalho analisa, começando com um levantamento histórico, as diversas relações de trabalho na garimpagem. As relações de trabalho se constituem em função do tipo e da qualidade da jazida e em função da tecnologia usada na extração de ouro. A participação direta nos riscos da extração mineral, através de um sistema de remuneração conforme a produção de ouro, é hoje a pré-condição a qual todos os trabalhadores na garimpagem tem que se submeter. Sendo de maior importância para o entendimento das relações capital - trabalho na garimpagem, o artigo analisa o *bamburro* e a *sociedade* e os compara com o sistema de aviamento na época da borracha. Depois dessas abordagens sobre a garimpagem na Amazônia o artigo apresenta resultados da pesquisa de campo feita na região do Rio Tapajós, a maior região garimpeira do Brasil. Juntando dados sobre os ganhos, as condições de vida e de trabalho e o perfil social compõe-se uma imagem sobre a situação atual dos trabalhadores na garimpagem. O trabalho fecha com uma discussão sobre possíveis formas de organização dos trabalhadores e sobre as mudanças que a modernização da garimpagem, como forma de enfrentar o esgotamento das jazidas de ouro secundário significará para os diversos atores sociais dentro da garimpagem.

**Palavras-chave:** Garimpo. Atores sociais. Condições de vida.

## **Introdução**

A garimpagem de ouro se estabeleceu, nos anos 80, como uma das forças mais expressivas na estruturação econômica e geográfica da Amazônia. No auge dessa atividade (1987-1989), empregou-se diretamente, pelo menos, 400.000 pessoas e foi produzido por ano, pelo menos, 100 toneladas de ouro. A maior parte dessa produção vinha da região do Tapajós, onde a fase moderna da garimpagem de ouro iniciou em 1958. Até hoje essa província aurífera produziu cerca 750 toneladas de ouro. E o presente trabalho visa analisar as condições sociais em que essa riqueza foi produzida.

## **Os atores sociais nos garimpos de ouro da Amazônia**

Sendo a garimpagem uma atividade de extração mineral o dono da terra explorada coloca-se como um dos atores principais dentro do garimpo. A posse da terra pode se basear em um título legal de propriedade ou, no caso de terra devoluta, em um direito informal derivado do fato da descoberta da área aurífera ou da compra informal da terra. Sem o título de propriedade, a condição de dono da terra está ligada ao poder de estabelecer o seu direito de proprietário, que implica no poder de excluir outros do uso dela.

Diferentemente do dono da terra, está o dono dos meios de produção, outra importante personagem do lado do capital, na extração do bem mineral. Ele organiza o processo que pode ser executado com uma simples ferramenta se a atividade for manual, ou até mesmo com equipamento complexo como uma draga escariante no valor de alguns kilogramas de ouro.

Um terceiro agente que podemos colocar do lado que representa o capital é o fornecedor ou o comerciante que investe na prospecção ou exploração de ouro.

Além dos garimpeiros que trabalham diretamente na exploração ou em atividades de apoio, os garimpos, nas suas variadas formas, abrigam também um grande contingente de pessoas que vivem da renda gerada pela extração de ouro. Estes organizam-se social e economicamente diferentes dos que estão envolvidos no processo de extração.<sup>1</sup>

## **Perfil social dos atores envolvidos na garimpagem da Amazônia<sup>2</sup>**

Os dados disponíveis<sup>3</sup> permitem traçar o seguinte perfil do garimpeiro trabalhador na Amazônia. Entre eles a maioria é solteiro ou separado, tem idade média de 32 anos. O grau de

---

<sup>1</sup> Dentro desse grupo cabe todo setor de entretenimento dentro dos garimpos.

<sup>2</sup> Os dados aqui representados são resultados de compilação disponível na literatura ou de pesquisa própria (no caso do Tapajós).

instrução é muito baixo, sendo que pelo menos um quarto se compõe de analfabetos e na sua grande maioria eles não chegam a concluir o primeiro grau. A maior parte da força de trabalho dos garimpos do Pará<sup>4</sup> e Roraima vem da região Nordeste (PA: 73%, RR: 47%), no Amapá e Amazonas a quase totalidade dos garimpeiros trabalhadores vêm do próprio estado ou da região amazônica (AP: 57%, AM: 85 %). Rondônia mostra um perfil mais equilibrado, sendo que 29% da força de trabalho tem origem nos estados do sul ou do centro - oeste, 31% vem do nordeste e 21% da Amazônia. Sendo também o Estado que mostra o menor índice (40%) de garimpeiros que trabalhavam na agricultura antes de ingressar na garimpagem. No Pará (55%) e no Amazonas (64%) a origem rural da mão-de-obra garimpeira é muito mais acentuada<sup>5</sup>. Uma fonte significativa da força de trabalho nos garimpos da Amazônia são os projetos de colonização que, aparentemente, não conseguem competir com a lucratividade da extração de ouro<sup>6</sup>. Esses dados mostram que o garimpo funciona como atrator<sup>7</sup>, tanto dentro da sua região quanto nos estados fora da Amazônia. Esse atrator não direciona somente a mão-de-obra, mas também, o fluxo de capital para dentro dos garimpos da Amazônia.

Assim, podemos diferenciar os seguintes grupos que representam o capital na atividade garimpeira<sup>8</sup>:

- 
- <sup>3</sup> Dados sociais se encontram nos trabalhos de Cleary (1987), SESPA (1988), MacMillan (1993), Mathis (1995). O DNPM fez, no final de 1990 um levantamento nacional dos garimpeiros. Devido a falta da preparação dos entrevistadores e devido a falta de clareza na elaboração dos questionários a maioria dos dados coletados não podiam ser tratados. Mesmo assim, o DNPM publicou, em 1993 alguns dos dados mais gerais levantados no censo. Sendo esse levantamento a única fonte que apresenta dados para Amazônia. Em geral, temos que trabalhar, dentro das limitações, com esses dados que se encontram listados no anexo.
  - <sup>4</sup> A prevalência da mão-de-obra nordestina no Pará ficou confirmada em duas pesquisas localizadas. Em 1988 69% dos garimpeiros da Serra Pelada eram de origem nordestina (SESPA 1988) e, levantamento feito em um garimpo do Tapajós, em 1991, mostrou que 12 dos 16 entrevistados eram do Maranhão (Mathis 1995).
  - <sup>5</sup> Os dados para o Pará precisam de uma explicação, porque neles há um certo desequilíbrio, devido a grande participação de garimpeiros do Sul do Pará e da Serra Pelada, conforme levantamento feito pelo DNPM. Uma pesquisa realizada no Tapajós mostrou que para 25% dos entrevistados, o garimpo é o primeiro lugar de trabalho e que somente um terço pretende voltar para a atividade exercida antes da garimpagem (Mathis 1995).
  - <sup>6</sup> Uma pesquisa feita por MacMillan confirma isso para Roraima. Ele mostrou que uma parcela significativa dos garimpeiros envolvidos no rush entre 1987 e 1990 provinha dos projetos de colonização (MacMillan 1993: 82). Ele encontrou uma grande diferença de comportamento entre colonos oriundos do centro-sul e os do nordeste. A taxa dos colonos do nordeste que entraram no garimpo é muito maior do que a taxa dos colonos do centro-sul. Esses dados foram confirmados pelo Prefeito de Alto Alegre - RR em entrevista feita por mim em Fevereiro deste ano.
  - <sup>7</sup> O conceito de atrator é originalmente uma categoria da teoria dos sistemas não-lineares para descrever trajetórias desses sistemas (veja por exemplo Gleick (1991), Prigogine/Stengers (1984)). Ao contrário de um polo de desenvolvimento (Perroux) ou atrator pode tanto estruturar como de-estruturar. Além disso ele se modifica também como resultado das interferências com o seu ambiente.
  - <sup>8</sup> A classificação foi originalmente desenvolvida por mim, baseado em pesquisas na região do Tapajós.

- *pioneiros*, eles começaram nos anos 60 com a garimpagem, na maioria dos casos sem capital; ao longo do tempo passaram a deter o maior conhecimento dessa atividade e entre todos é o que possui o menor grau de escolaridade dentro do grupo de donos de garimpos.
- *ascendentes sociais*, a maioria veio para Amazônia, no início dos anos 70, em consequência das políticas de integração nacional; eles possuem grande experiência, como empregados, na garimpagem, e detêm um grau de instrução maior do que o dos pioneiros e muitos trabalhavam em profissões artesanais e não têm muito conhecimento de administração empresarial.
- *empresários modernos*, a maioria vem dos estados do centro-sul (PR, RJ, SP), já trazem o capital para investir no garimpo, ou conseguem o capital com atividades empresariais na Amazônia, se organizam dentro de um padrão de administração empresarial, que eles conhecem devido à experiência em relações de trabalho formais ou como empresários fora da garimpagem.

## **Desenvolvimento histórico das relações de trabalho**

Depois da apresentação dos atores, analisaremos as relações sociais existentes entre eles. Começaremos com uma abordagem histórica que mostrará o dinamismo das relações de trabalho nos garimpos da Amazônia.

Ao contrário do seringueiro, onde a remuneração do seringueiro dependia da produção e do preço da borracha vendida, os donos de garimpo passam a se apropriar, sozinhos, da renda diferencial<sup>9</sup> gerada nas áreas de alta produtividade natural<sup>10</sup>, o trabalho no garimpo se constitui no início da garimpagem como trabalho assalariado, independente do resultado do trabalho mas dependente do valor do produto da extração, porque a diária era paga em ouro. Tomando como base os valores das diárias citadas na literatura, o salário mensal dos trabalhadores se fixa na faixa de 50 gramas por mês<sup>11</sup>, que corresponde a 25 % da produção individual mensal de 200 gramas por trabalhador<sup>12</sup> (veja figura a).

Como em outras áreas, a extração de ouro no Tapajós segue uma tendência típica da garimpagem, ela começa nos aluviões com maior produtividade natural<sup>13</sup>. Os aluviões foram todos trabalhados sem modificações na base técnica da extração que continuava sendo feita manualmente e, depois de 10 anos, a produtividade começava a cair. A produção individual baixou de 200 g por

---

<sup>9</sup> Veja sobre o conceito da renda diferencial na mineração Bomsell (1992)

<sup>10</sup> Cleary descreve o mesmo mecanismo para os garimpos de Maranhão.

<sup>11</sup> Além da diária os garimpeiros receberam a alimentação e, na maioria dos casos, o dono do garimpo se responsabilizou pelos custos do transporte dos trabalhadores ao garimpo.

<sup>12</sup> Todos os números, aqui apresentados, foram levantados por mim ou compilados de fontes disponíveis.

<sup>13</sup> Produtividade natural é o resultado da qualidade e localização do recurso mineral (Massarrat 1993, S. 54).

trabalhador / mês para 150 gramas e tudo indica que as restrições naturais (redução do teor dos aluviões) estabelecem o fim da garimpagem na região.

Porém, nesse momento de crise, nota-se um conjunto de modificações nas variáveis externas<sup>14</sup> responsáveis pela estruturação da garimpagem e, devido a esse quadro externo diferente, a garimpagem se modificou e superou a crise ficando momentaneamente fortalecida. No início dos anos 70 observa-se uma mudança no regime de trabalho. O salário, cujo valor em dinheiro somente dependia do preço do ouro e não da produtividade, cede lugar a um sistema de participação, criando uma forma de remuneração onde o ganho se dissocia do tempo de trabalho, associando-se ao valor do bem mineral (componente mercado mundial) e à produtividade da jazida (componente natureza). Este sistema ficou conhecido como meia-praça, que garantia ao trabalhador, em geral, a metade da produção com os custos sendo arcados pelo dono do serviço.

A meia-praça tem sua origem na vontade de alguns trabalhadores de sair do trabalho assalariado, sem dispor de recursos para bancar as despesas da prospecção e da abertura de um novo garimpo. No início, alguns trabalhadores “receberam” dos donos do garimpo o privilégio da meia-praça, isto é, o dono do garimpo responsabilizou-se pelas despesas de prospecção, caso os garimpeiros conseguissem encontrar uma jazida, eles dividiram a produção com o fornecedor dos alimentos e dos meios de produção. Mais tarde, a meia-praça se estabeleceu, dentro dos garimpos já existentes, como relação entre os trabalhadores e o dono do serviço, que é a pessoa que recebeu do dono do garimpo a autorização para trabalhar uma certa parcela dessa terra. Uma outra forma de meia-praça se estabeleceu dentro dos garimpos, entre comerciantes e trabalhadores. O comerciante fornecia alimentação e meio de trabalho para um grupo de garimpeiros que pagassem depois com a metade da produção. A introdução do novo regime de trabalho (meia-praça), que provocou um aumento do ganho individual de 50 gramas / mês para 75 gramas / mês, não se explica somente através da relação capital - trabalho, mas impõe-se a necessidade de procurar outros motivos que possam explicar essa mudança como as mudanças ocorridas a partir da década de 70.

O programa de colonização, que iniciou nessa época, não trouxe para a região de fronteira somente pessoas sem terra do nordeste, mas também um contingente razoável de pequenos empresários, com posse de capital, a fim de investir. Uma parte dessas pessoas investem no comércio

---

<sup>14</sup> Esses variáveis externos foram:

um aumento significativo do preço do metal, que se registrou em 1971, sendo que esse aumento reflete os sintomas da crise no sistema financeiro internacional e a perda da hegemonia econômica e política dos Estados Unidos;

a chegada da Transamazônica e da Santarém - Cuiabá facilitou a ligação de Itaituba aos mercados (financeiros e de mercadoria) do sul do país e criaram-se as condições para que o município pudesse assumir o papel de centro comercial da província aurífera, contribuindo para deslanchar o programa de colonização do governo federal no início dos anos 70, resultando em um aumento da presença do Estado e em um forte fluxo migratório para esta região.

que expande-se depois da transformação da cidade em centro de apoio dos garimpos<sup>15</sup> e uma outra parte encontra na meia-praça uma forma de investir o seu capital na garimpagem, sem a necessidade de criar a infra-estrutura ou logística completa de um garimpo e com a possibilidade de transferir uma parte do risco da prospecção para os trabalhadores. Essa abertura da garimpagem para o pequeno e médio capital, junto com a grande oferta de mão-de-obra, oriundo dos fracassados projetos de colonização, resultaram em um aumento substancial da produção do ouro na região. Essa tendência foi forçada pelo aumento de preço do ouro, no mercado internacional, que mesmo com produtividade menor triplicou o valor do ganho dos trabalhadores na garimpagem.

O aumento do preço do ouro, no início dos anos 70, foi um dos fatores que ajudou esta atividade a encontrar um novo mecanismo de produção, para superar o obstáculo natural, imposto à garimpagem pelo esgotamento dos aluviões superficiais mais ricos, que somente conseguiu superar essas limitações por pouco tempo. Na segunda metade da década de 70 ficou evidente que só uma mudança da base tecnológica do processo de extração do ouro poderia prolongar a vida da garimpagem na região. E esta mudança começou, no Tapajós, em 1978, com a introdução de balsas<sup>16</sup>. A partir de então iniciava-se a mecanização da garimpagem e se tornava possível trabalhar em jazidas que antigamente não estavam no alcance dos garimpeiros (aluviões nos leitos ativos dos rios e aluviões mais profundos).

A mudança na tecnologia da extração ocorreu dentro do regime de trabalho vigente. Ou seja, o princípio da remuneração, em dependência da produção, que tinha se estabelecido como sistema padrão da contratação de mão de obra, se manteve. Mas observou-se a partir deste momento uma diminuição da quota de participação dos trabalhadores no montante da produção reduzindo-se de 50% para 40% ou 30%. Os donos dos garimpos justificaram essa mudança pelo aumento dos custos da produção e os trabalhadores aceitaram-na, devido ao aumento do valor do ganho individual (veja figura a), em consequência do aumento do preço do ouro, que conseguiu absorver a queda na produção individual.

A alta do preço do ouro nos mercados internacionais, em 1979/80, não somente ajudou a baixar a participação dos trabalhadores no produto do trabalho, mas também foi responsável pela rapidez com que a nova técnica se estabeleceu como padrão na exploração de ouro aluvional nos garimpos da Amazônia. Devido a riqueza das novas jazidas, não alcançáveis, até então, pelos garimpeiros, e a elevação do preço do ouro, a mecanização se tornou possível para a maioria dos donos de garimpo ou donos de serviço, somente com os lucros da garimpagem, sem necessidade de recorrer ao capital externo.

---

<sup>15</sup> O número de estabelecimentos de comércio (varejo) aumentou em Itaituba de 37 para 170 em 1976 (IDESP 1977, S. 172)

## Sociedade - Bamburro - Aviamento

A seguir, analisaremos a percepção do regime de trabalho dentro dos garimpos. Sociedade é a interpretação comum que os donos de máquinas e os trabalhadores dão ao regime de trabalho para extrair um barranco. É um contrato informal que começa com o debreio do barranco e termina com a despescagem<sup>17</sup> do ouro. O trabalhador entra com o trabalho e o dono da máquina com os meios de produção e a responsabilidade pelos custos da extração, inclusive a comida dos trabalhadores<sup>18</sup>. As duas partes recebem uma parcela previamente estabelecida no resultado físico da extração (70 : 30). Depois da despescagem as duas partes são livres para renovar ou não a sociedade. Essas regras são conhecidas pelos dois lados e ninguém as questiona.

A grande aceitação da sociedade baseia-se no fato de que, tanto o dono de máquina quanto o trabalhador contribuem com uma série de vantagens a esse regime de trabalho.

O trabalhador vê-se em sociedade só com o dono de máquina e não com os seus colegas, isso, subjetivamente, libera-o da sua condição de trabalhador e o coloca ao mesmo nível do dono do meio de produção. O sentimento de igualdade é reforçado pelo fato de que dentro do garimpo os donos de máquina<sup>19</sup> e os trabalhadores se submetem aos mesmas condições de trabalho e de vida e muitas vezes provém do mesmo *background* social. O fato de que o trabalhador tem a sua participação no resultado do processo de extração, cria um outro mecanismo estabilizador: a esperança permanente de bamburrar, isto é encontrar uma jazida muito rica, que pode multiplicar o ganho do trabalhador e, em alguns casos, criar as condições para que ele possa se transformar de trabalhador em dono de máquina<sup>20</sup>. Um outro momento, para entender a aceitação da sociedade, é a mudança que ela trouxe em relação a um outro regime de trabalho muito comum no extrativismo na Amazônia: o aviamento. A sociedade apresenta-se, em relação ao aviamento, como progresso devido a algumas diferenças fundamentais. O processo da formação de preço do ouro é muito mais transparente para o trabalhador do que o da borracha. As possibilidades de enganar o trabalhador, no ato de pagamento, são menores,

---

<sup>16</sup> Dois anos depois a técnica foi adaptada para os trabalhos nos baixões.

<sup>17</sup> Despescagem na linguagem dos garimpeiros se refere ao processo da apuração do ouro.

<sup>18</sup> Como a sociedade se estabelece entre um dono de máquina e os trabalhadores, esses não tem uma relação com o dono da terra, que se relaciona somente com os donos de máquina, sendo através da cobrança de uma taxa para o uso da terra, ou através da obrigação de comprar todos os insumos da produção dentro do garimpo a preços monopólicos. Em garimpos cuja finalidade (dada pelo dono da terra) é primeiramente a produção de ouro, o dono da terra mantém o monopólio de extração, nesse caso ele também é dono do maquinário.

<sup>19</sup> É importante salientar que as condições de vida dos donos do garimpo dentro do garimpo variam muito daqueles dos donos de máquina, sobretudo se esses só tem uma ou duas máquinas.

<sup>20</sup> A passagem de trabalhador para dono de máquina só é um lado da moeda. O outro lado, o fracasso, a quebra de um dono de máquina é também muito comum e mostra claramente que a garimpagem é uma atividade de alto risco.

sobretudo quando o garimpeiro recebe o ganho em ouro físico. O aviamento não tinha um mecanismo de ascensão para o seringueiro, e na sociedade não se estabelece uma relação de dívida permanente, uma peça fundamental do aviamento. Isso aumenta a mobilidade do trabalhador<sup>21</sup>.

Mesmo que a garimpagem, como é organizada hoje, se enquadre dentro de uma relação de trabalho capitalista, o regime de trabalho lá existente consegue encobrir a contradição entre capital e trabalho porque cria a ilusão de uma igualdade entre capital e trabalho, evita que o trabalhador se defina como parte de um coletivo, sustenta a possibilidade de ascensão social, e apresenta-se como salto qualitativo em relação ao aviamento.

## **Condições de vida e de trabalho nos garimpos**

As condições de vida e de trabalho nos garimpos se definem em função do lugar geográfico, da técnica usada na extração e da organização social do garimpo<sup>22</sup>.

A introdução do maquinário na extração de ouro não somente consolidou um novo regime de trabalho nos garimpos, como também teve um grande impacto sobre as condições de trabalho. A substituição da energia humana pela energia fóssil reorganiza o processo de trabalho e submete o trabalhador ao ritmo de uma máquina, que consegue prolongar o dia de trabalho independente da capacidade física do trabalhador e muda, no caso das balsas, totalmente o ambiente de trabalho aumentando muito o risco da atividade<sup>23</sup>, que quase sempre é exercida sem uso de equipamento de proteção individual. Os acidentes de trabalho mais comuns nos garimpos são: soterramento em consequência de queda de barrancos ou de queda da galerias na lavra subterrânea, doenças de pele devido o trabalho na água, corte nas mãos e nos pés, picadas de escorpiões e cobras, problemas de audição por causa do barulho das máquina, doenças respiratórias, e de coluna. Sem assistência médica e privado da responsabilidade do dono da máquina, um acidente de trabalho quase sempre significa

---

<sup>21</sup> A mobilidade aumenta também pelo fato de que o dono da máquina é responsável pela alimentação do trabalhador, que fica livre da necessidade de plantar e de se fixar durante um certo período em um certo lugar, para garantir a sua subsistência.

<sup>22</sup> Entendemos como organização social do garimpo as relações entre o dono da terra - dono da máquina

<sup>23</sup> Não existem dados oficiais sobre acidentes de trabalho nos garimpos, mas relatos de garimpeiros mostram que, sobretudo, a atividade de mergulho nas balsas em áreas de fofoca, isto é, onde tem uma grande concentração de balsa trabalhando junto, fez muitas vítimas entre os garimpeiros, seja em consequência de acidentes como a queda de uma barranco em baixo d'água, o seja em consequência de atos violentos como o corte proposital da mangueira de ar ou o envenenamento do mergulhador. O alto uso de drogas entre mergulhadores mostra que a maioria deles não resiste à pressão que essa atividade exerce sobre essas pessoas.

que o trabalhador, dentro do garimpo, fica responsável pelos custos do tratamento e pelo perda de ganho dos dias parados<sup>24</sup>.

Mesmo sendo os acidentes de trabalho não muito raro, o maior problema para a saúde dos garimpeiros são as doenças endêmicas que encontram nos garimpos as condições ideais (águas paradas, moradias abertas sem paredes, falta de tratamento de água, falta de esgotos) para proliferação. As doenças mais comuns nos garimpos são: malária, hepatite e doença de chagas<sup>25</sup>. Como a maioria dos garimpos não dispõem de posto de saúde e devido a falta de recursos para deslocamento até as próximas cidades, resta para o garimpeiro, no caso de doença, somente a automedicação nas farmácias das corrutelas<sup>26</sup> que pode prolongar e, em muitos casos agravar a doença que o leva até a morte.

Um terceiro componente, que pode ser levada em consideração na avaliação das condições de vida no garimpos, é a organização social do garimpo. Baseado nas experiências no Tapajós podemos distinguir os garimpos cuja razão econômica, imposta pelo dono da terra, é primeiramente a extração de ouro e em outros, cuja principal razão econômica é o comércio dentro dos garimpos<sup>27</sup>, além disso existem garimpos, onde não existem mais o monopólio da propriedade da terra e que têm características de comunidades. Os três tipos de garimpo diferem consideravelmente no nível da violência interna. Garimpos que se organizam internamente em razão da produção, tendem de eliminar todos os fatores que se opõem a racionalidade da administração empresarial<sup>28</sup>. Isso significa que eles eliminarão todas as possíveis fontes de distúrbios para o processo extrativo. Assim, nesses garimpos a posse de armas é vedada e eles não dispõem de boites<sup>29</sup> e, muitas vezes, o consumo de bebidas acólicas é proibido. Ao contrário disso, os donos de garimpo, que se concentram no comércio, tem na prostituição e na venda de bebidas alcólicas duas importantes fontes de lucro, violência para eles é somente um problema quando ela coloca a liderança deles em risco. Os garimpos que se transformaram em comunidades, e sobretudo lá onde o Estado ainda não é presente com os suas

---

<sup>24</sup> A assistência em caso de doença ou acidente dada pelo dono de máquina / dono de garimpo como ato paternalista é um importante mecanismo de criar lealdade e aumentar o prestígio do dono frente aos trabalhadores.

<sup>25</sup> Sobre o problema da saúde nos garimpos de ouro veja por exemplo: Amoras (1991), Câmara & Corey (1992), Câmara / Couto / Sabroza(1988).

<sup>26</sup> Corrutela chama-se dentro do garimpo a aglomeração de casas que constituem o centro do garimpo e onde se concentra a infra-estrutura (boites, farmácias, restaurantes, cantinas, etc.).

<sup>27</sup> Na realidade esse dois tipos se misturam, mas sendo uma das vertentes dominante. No Tapajós pode-se dizer que 40% dos garimpos se enquadram em um dos dois tipos (20:20). Para o restante não é possível fazer uma classificação devido a qualidade das informações disponíveis (Mathis 1995: 132). Mas mesmo nos tipos misto prevalece uma lógica econômica, seja a produção ou o comércio.

<sup>28</sup> Esse tipo de garimpo é muito ligado ao grupo dos empresários modernos que mantém dentro dos garimpos o monopólio de extração, sendo eles os únicos donos de maquinário dentro do garimpo. Assim o dono do garimpo tem a liderança absoluta dentro do garimpo, que ajuda para manter a organização interna imposto por ele.

<sup>29</sup> Boites nos garimpos é sinônimo para prostíbulo.

instituições de segurança, mostram o nível mais elevado de violência devido a falta de uma liderança e a concorrência de pequenos e médios proprietários de capital. Mas essa concorrência não impede que os donos de capital, nessas comunidades, se organizem para defender o seu patrimônio, seja na forma de uma segurança particular ou em colobaração com os órgãos da segurança pública.

### **Formas de auto-organização dos atores sociais na garimpagem**

Nessa comunidade nota-se assim um mecanismo típico para a garimpagem. Os incentivos para se organizar partem do capital e não dos trabalhadores em procura da defesa dos seus direitos. Só que a falta de reconhecimento da contradição entre capital e trabalho, que caracteriza o regime de trabalho nos garimpos, impede, por muito tempo, a criação de organizações coerentes. A Constituição de 1988 escolheu, partindo de uma visão distorcida do garimpeiro, o cooperativismo como forma ideal de fomentar a atividade garimpeira. Em consequência disso nota-se, a partir de 1989, uma onda de criação de cooperativas de garimpeiros como forma de legalizar a atividade extrativista. Até então, a única forma legalmente reconhecida de organização de garimpeiros era o sindicato patronal<sup>30</sup>. Ambas as formas tentam, dentro da lógica do regime de trabalho nos garimpos, negar a identidade do garimpeiro trabalhador e em consequência disso se restringem às atividades de assistência social ou foram transformados em simples órgãos dos donos de garimpos para defender seus interesse particulares.

Esse quadro começou a mudar no início dos anos 90. O esgotamento das jazidas secundárias, junto com a deteriorização do preço interno do ouro e o discurso ecológico contra os danos causados pela garimpagem, constituíram duas ameaças sérias para o futuro da garimpagem. Durante essa pressão parte dos donos dos garimpos do Tapajós, a maioria pertence ao grupo de empresários modernos, organizou-se dentro de uma associação meramente empresarial, tentando criar um instrumento de diálogo com os órgãos governamental e de fomento no processo de legalização das atividade deles e da transformação da garimpagem de jazidas secundárias para depósitos primários. Esse grupo de empresários conseguiu em grande parte, cumprir as exigências dos órgãos do meio-ambiente e, assim, graças a percepção da garimpagem, pelo Estado, somente como problema ecológico e não social, um aval para uma atividade econômica que exclui os seus trabalhadores de todos os direitos trabalhistas.

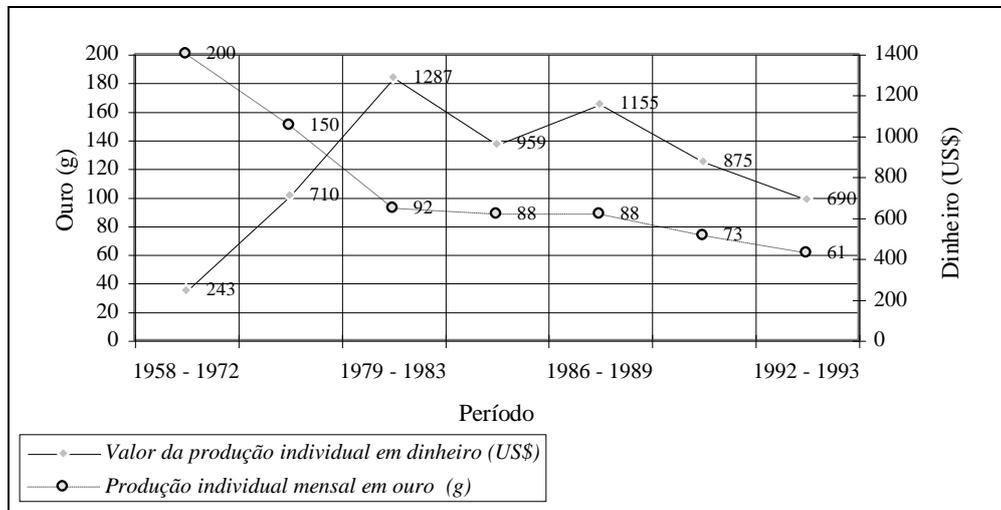
---

<sup>30</sup> Para mais detalhes sobre o problema do cooperativismo e do sindicalismo dentro da garimpagem veja Mathis (1993b).

## Referências

- AMORAS, Walter Wanderley (1991): A Garimpagem na Amazônia, doenças, desordem e descaso, uma visão do garimpo do Crepori (PA), Belém (UFPA-NAEA, tese de mestrado), mimeo.
- BOMSEL, Olivier (1992): The Political Economy of Rent in Mining Countries, in: John E. Tilton (ed.): Mineral Wealth and Economic Development, S. 59 - 79, Washington (Resources for the Future).
- BRANCHES, Fernando (1993): Observações clínicas da contaminação mercurial no vale do Rio Tapajós. Mathis / Rehaag (orgs.): Conseqüências da garimpagem no âmbito social e ambiental da Amazônia, págs.. 57 - 60, Belém (CEJUP).
- BRASIL, Ministério de Minas e Energia, Secretaria de Minas e Metalurgia, Departamento Nacional da Produção Mineral - DNPM (1993): Levantamento Nacional dos Garimpeiros. Relatório Analítico. Brasília (DNPM Série Tecnologia Mineral no 45).
- CÂMARA, Volney M. / Corey, Germán (1992): Epidemiologia e Meio Ambiente: O Caso dos Garimpos de Ouro no Brasil. México.
- CÂMARA, Volney M. / Couto, Rosa Carmina de Sena / Sabroza, Paulo Chagastelles (1988): Intoxicação mercurial: resultados preliminares em duas áreas garimpeiras no Estado do Pará, in: Pará Desenvolvimento, Nr. 23, Jan/Juni 1988, S. 63 - 67.
- CLEARY, David (1987): An Anatomy of a Gold Rush: Garimpagem in the Brazilian Amazon, Oxford (Ph. D. Dissertation), mimeo.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ - Instituto do Desenvolvimento Econômico - Social do Pará - IDESP (1977): Diagnóstico do Município de Itaituba, Belém (IDESP).
- MACMILLAN, Gordon John (1993): Gold Mining an Land-Use Change in the Brazilian Amazon, University of Edinburgh, mimeo.
- MASSARRAT, Mohssen (1993): Endlichkeit der Natur und Überfluss in der Marktökonomie. Marburg (Metropolis)
- MATHIS, Armin (1993a): Garimpagem como meta de política do Estado - o exemplo do Tapajós, in: Mathis / Rehaag (orgs.): Conseqüências da garimpagem no âmbito social e ambiental da Amazônia, págs.. 169 - 176, Belém (CEJUP).
- MATHIS, Armin (1993b): Garimpagem na Amazônia: O Desafio da Consciência Política e Ecológica. Em: Cuíra, no 9 (Agosto), págs. 14 - 19, Belém (UNIPPOP).
- MATHIS, Armin (1995): Nichtindustrieller Goldbergbau als Form der Inwertsetzung Amazoniens. Berlin / Belém. Tese de Doutorado. Mimeo.
- PRIGOGINE, Ilya; Stengers, Isabelle (1984) A nova Aliança: metamorfose de ciência, Brasília: Editora UNB
- SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE PÚBLICA - SESPA (1988): Avaliação da degradação ambiental nas áreas de extração de ouro no Estado do Pará, relatório parcial, Belém (IDESP), mimeo.

Figura A: Produção individual nos garimpos de ouro do Tapajós (valor mensal em ouro e em dinheiro)



Fonte: Mathis (1995).

Figura B: Indicadores sociais dos garimpeiros na Amazônia

Item	Amazônas	Amapá	Pará	Rondonia	Roraima
<i>Média de Idade (anos)</i>	30,3	30	33,3	31,3	34,9
<i>Estado Civil</i>					
solteiro, separados, divorciados	52,60%	52,60%	50,50%	53,90%	52,40%
casados, amasiados	41,50%	25,50%	44,70%	33,10%	35,60%
viúvo	5,90%	14,40%	4,80%	13,00%	12,00%
<i>Situação da Família</i>					
reside no garimpo	4,20%	17,30%	18,10%	7,50%	17,40%
pretende trazer para o garimpo	4,70%	14,70%	15,70%	8,90%	25,00%
<i>Tempo Médio de Garimpagem (meses)</i>	18,4	33,2	48,8	23,8	58,1
<i>Horas trabalhadas por semana</i>	52,2	55,3	64,2	59,7	63,5
<i>Renda Média Mensal (em SM de Nov./90)</i>	8,6	2,7	3,6	4,8	8,6
<i>Atividade Anterior à Garimpagem</i>					
agricultura	64,10%	43,80%	55,20%	39,70%	46,20%
construção civil	12,00%	20,00%	6,10%	17,50%	8,00%
outros & nenhuma	23,90%	36,20%	38,70%	42,80%	45,80%
<i>Sofreu Acidentes de Trabalho</i>	5,50%	5,70%	7,40%	9,30%	5,50%
<i>Grau de instrução</i>					
analfabeto	21,30%	18,10%	28,80%	26,70%	34,40%
primeiro grau (compl./incompl.)	73,00%	76,60%	65,10%	64,40%	61,50%
segundo grau (compl./incompl.)	1,50%	3,30%	3,30%	7,80%	4,10%
superior (compl./incompl.)	4,20%	2,00%	2,80%	1,10%	0,00%

Figura 2 (cont.)

Item	Amazônas	Amapá	Pará	Rondonia	Roraima
<i>Estado do Origem</i>					
região sul	2,83%			18,78%	
centro - oeste				10,07%	
BA			2,79%	5,80%	
CE		2,65%	10,94%	6,32%	8,50%
MA	3,21%	27,71%	49,11%	12,02%	33,38%
PE		3,75%	10,45%	2,74%	5,40%
PI		2,19%			
RN				4,39%	
AM	81,13%			6,29%	3,10%
AP		37,24%			
PA		20,06%	11,38%	4,32%	4,63%
RO	4,15%			10,61%	
RR					24,53%
TO			3,65%		
diversos	8,68%	6,40%	11,68%	9,45%	16,50%

Fonte: DNPM (1992).